

OS DESEMPREGADOS DO NOSSO PAÍS DE QUE NINGUÉM FALA

A redução do desemprego em Portugal, embora conseguida também à custa da criação de empregos com salários muito baixos e da emigração que continua, é um fator positivo. No entanto, os números oficiais de desemprego das estatísticas publicadas pelo INE, que os órgãos de comunicação social habitualmente referem, não traduzem a verdadeira dimensão do desemprego atual em Portugal, e estão muito longe de revelar a situação real que continuam a viver centenas de milhares de portugueses que não encontram trabalho apesar das declarações em contrário dos patrões e que são ignorados perante a “euforia” da redução da taxa de desemprego de que apenas se fala esquecendo o resto.

623,3 MIL PORTUGUESES NO DESEMPREGOS MAIS 200,1 MIL A VIVER DE BISCATES

O INE, na publicação “*Inquérito ao Emprego do 4º Trimestre de 2017*”, que divulgou em Fevereiro de 2018, introduziu, pela primeira vez, um novo quadro, que designou por “**Subutilização do trabalho por componente e sexo**”, que inclui o **desemprego oficial** (os desempregados que constam das estatísticas de desemprego divulgadas pelo INE) mais o “**subemprego a tempo parcial**” (aqueles que fazem biscates para sobreviver pois não conseguem arranjar trabalho a tempo completo) mais os “**Inativos disponíveis mas que não procuram emprego**” (os desempregados que não constam das estatísticas oficiais de desemprego por terem desistido de procurar emprego). Esses dados constam do quadro 1.

Quadro 1 - SUBUTILIZAÇÃO DO TRABALHO EM PORTUGAL									
RÚBRICAS	4T-2015	1T-2016	2T-2016	3T-2016	4T-2016	1T-2017	2T-2017	3T-2017	4T-2017
	Milhares de portugueses desempregados								
População desempregada	633,9	640,2	559,3	549,5	543,2	523,9	461,4	444,0	422,0
Subemprego de trabalhadores a tempo parcial (por não encontrarem trabalho a tempo completo - vivem de biscates)	243,0	247,3	225,2	213,1	221,2	218,9	210,1	177,6	200,1
Inativos disponíveis mas que não procuram emprego (desempregados que deixaram de procurar emprego por não o encontrarem e por isso não são considerados desempregados e não constam das estatísticas oficiais de desemprego do INE)	245,3	225,1	239,3	250,8	235,4	219,1	204,6	226,8	201,3
SUBUTILIZAÇÃO DO TRABALHO EM PORTUGAL	1 122,2	1 112,6	1 023,8	1 013,4	1 019,6	986,1	903,3	869,9	844,4
DESEMPREGO REAL (Desempregados+Inativos disponíveis)	879,2	865,3	798,6	800,3	778,6	743,0	666,0	670,8	623,3

Fonte: INE, Inquérito ao Emprego - 4.º trimestre de 2016 e 2017

No fim do 4º Trimestre de 2017, o **desemprego oficial** atingia ainda 422.000 portugueses, mas se somarmos os desempregados que deixaram de procurar emprego por se convencerem, depois de muito procurarem de que não encontrariam (os “**inativos disponíveis que não procuram emprego**”, na linguagem oficial), o número de desempregados já sobre para 623,3 mil. E se adicionarmos aqueles que fazem “biscates” para sobreviverem então o seu número aumenta para 844,4 mil, o que corresponde, no último trimestre de 2017 a **uma taxa real de desemprego**, ou de “**subutilização do trabalho**”, para utilizar as palavras do INE, **de 15,5%**, no lugar da taxa de desemprego oficial de 8,1% que é a divulgada pelos órgãos de informação.

35.000 MILHÕES € ANUAL DE RIQUEZA NÃO PRODUZIDA DEVIDO À SUBUTILIZAÇÃO DO TRABALHO EM PORTUGAL

Se se tiver presente que cada empregado produz em média anualmente, em Portugal, cerca de 42.000€ de riqueza a preços correntes, é fácil de concluir que a perda para o país, em riqueza não produzida, deverá atingir os 35.000 milhões € por ano, o que corresponde a 18% do PIB, devido à subutilização do trabalho. Mas as perdas não se limitam apenas a estas. E isto porque, só em ordenados e salários perdidos por estes trabalhadores que continuam a não encontrar um emprego digno o montante deverá ultrapassar os 12.000 milhões € por ano. Se juntarmos a tudo isto, os impostos que não são pagos porque a riqueza não é criada pelo trabalho subutilizado e os subsídios que se pagam aos desempregados, a perda para os portugueses e para o país é enorme.

A TAXA DE COBERTURA DO SUBSIDIO DE DESEMPREGO CONTINUA A SER MUITO BAIXA E O SUBSIDIO MÉDIO É MUITO INFERIOR AO SALÁRIO MÍNIMO

Um aspeto grave da situação em que vivem os desempregados no nosso país é a reduzida percentagem daqueles que recebem o subsídio de desemprego, que não melhorou mesmo com este governo como revela os dados oficiais do quadro 2

Se quiser receber diretamente estes estudos envie mensagem para edr2@netcabo.pt

Quadro 2 – Taxa de cobertura do subsídio de desemprego em relação ao desemprego oficial e ao desemprego real – 2015/2017

RÚBRICAS	Dez.2015	Mar.2016	Jun.2016	Set.2016	Dez.2016	Mar.2017	Jun.2017	Set.2017	Dez.2017
	Milhares de indivíduos								
Desemprego o oficial	633,9	640,2	559,3	549,5	543,2	523,9	461,4	444,0	422,0
Desemprego real (desemprego oficial + inativos disponíveis)	879,2	865,3	798,6	800,3	778,6	743,0	666,0	670,8	623,3
Desempregados a receberam subsídio de desemprego	259,3	249,8	220,9	222,1	224,5	210,3	191,3	189,0	185,3
TAXA DE COBERTURA DO SUBSÍDIO DE DESEMPREGO EM RELAÇÃO DESEMPREGO OFICIAL	40,9%	39,0%	39,5%	40,4%	41,3%	40,1%	41,5%	42,6%	43,9%
TAXA DE COBERTURA DO SUBSÍDIO DE DESEMPREGO EM RELAÇÃO AO DESEMPREGO REAL	29,5%	28,9%	27,7%	27,8%	28,8%	28,3%	28,7%	28,2%	29,7%

FONTE: Inquérito ao Emprego - 2016 e 2017 - INE, Estatísticas da Segurança Social

Como revelam os dados do INE e da Segurança Social, menos de metade dos desempregados oficiais (*apenas 44 em cada 100 desempregados*) recebem subsídio de desemprego. E se a análise for feita em relação ao desemprego real, a conclusão é ainda mais grave: em Dezembro de 2017, menos de 30 em cada 100 desempregados recebiam subsídio de desemprego e, entre Dez.2015 e Dez.2017, a situação manteve-se praticamente a mesma pois a taxa de cobertura do subsídio de desemprego passou de 29,5% para apenas 29,7%. **E em Dezembro de 2017, o subsídio médio de desemprego era apenas 470,8€ segundo as Estatísticas da Segurança Social.**

O DESEMPREGO É A PRINCIPAL CAUSA DA POBREZA EM PORTUGAL

Os dados do quadro 3, divulgados em Novembro de 2017 pelo INE, sobre a pobreza em Portugal revelam que os baixos salários e o desemprego são causas importantes da pobreza no nosso país.

Quadro 3- Taxa de risco de pobreza após transferências sociais, segundo a condição perante o trabalho, Portugal, EU-SILC 2014-2017				
Ano de referência dos dados	2013	2014	2015	2016 (Po)
Empregado - Em %	10,7	10,9	10,9	10,8
Sem emprego - Em%	24,7	25,2	25,4	25,1
Desempregado - Em %	40,5	42,0	42,0	44,8
Reformado - Em %	12,9	14,4	16,0	15,1
Outros inativos - Em %	32,4	31,9	31,2	32,3
EU-SILC	2014	2015	2016	2017 (Po)

FONTE: Rendimentos e condições de vida - Novembro de 2017 - INE

Em 2016/2017, 10,8% dos trabalhadores empregados viviam com um rendimento abaixo do limiar da pobreza que era, em 2016, de apenas 388,7€/mês (14 meses).

Mas a situação mais grave de pobreza no nosso país é a dos desempregados em que 44,8% viviam no limiar ou abaixo do limiar de pobreza e, como revelam os dados do INE, a situação tem-se agravado mesmo com o atual governo. É a consequência da insuficiente cobertura do subsídio de desemprego que urge alterar. Uma questão grave e importante que atinge cerca de 623 mil portugueses que continua a ser ignorada e era necessário que não fosse pois ela é a causa da pobreza em que vivem atualmente mais de 623.000 portugueses segundo o próprio INE.

Eugénio Rosa
24-2-2018
edr2@netcabo.pt